

Brasil poderá beneficiar-se do ambiente pós-guerra do Iraque

Marli Olmos
De São Paulo

A debilidade da economia norte-americana, em razão do tamanho atual do seu déficit em conta corrente, é o fator que mais preocupa quando se analisam os rumos da economia mundial no pós-guerra do Iraque. Essa é a opinião do professor Eduardo Giannetti, do Ibmecc Educacional. Giannetti e economistas que estudam de perto setores da indústria multinacional compartilham a idéia de que as relações transnacionais do ambiente globalizado não deverão sofrer qualquer efeito nocivo do combate entre Estados Unidos e Iraque, sobretudo porque a força do capital tem mais peso do que as relações políticas.

Mais ainda: o Brasil pode até beneficiar-se desse ambiente. Importante fornecedor de insumos e de produtos de valor agregado, o país provavelmente ocupará lugar de destaque como parceiro comercial dos EUA, que ainda não conseguem nacionalizar tudo o que consomem. Esta é a opinião de Edgard Viana, sócio da AtKearney no Brasil.

Para Giannetti, o que mais preocupa na economia mundial, daqui para a frente, é a incerteza a respeito dos métodos que os americanos

utilizarão para resolver seu déficit em conta corrente, que avalia como “insustentável”. “Ninguém sabe se a solução será traumática ou não”, diz. O deslocamento de fluxo de capital seria um risco.

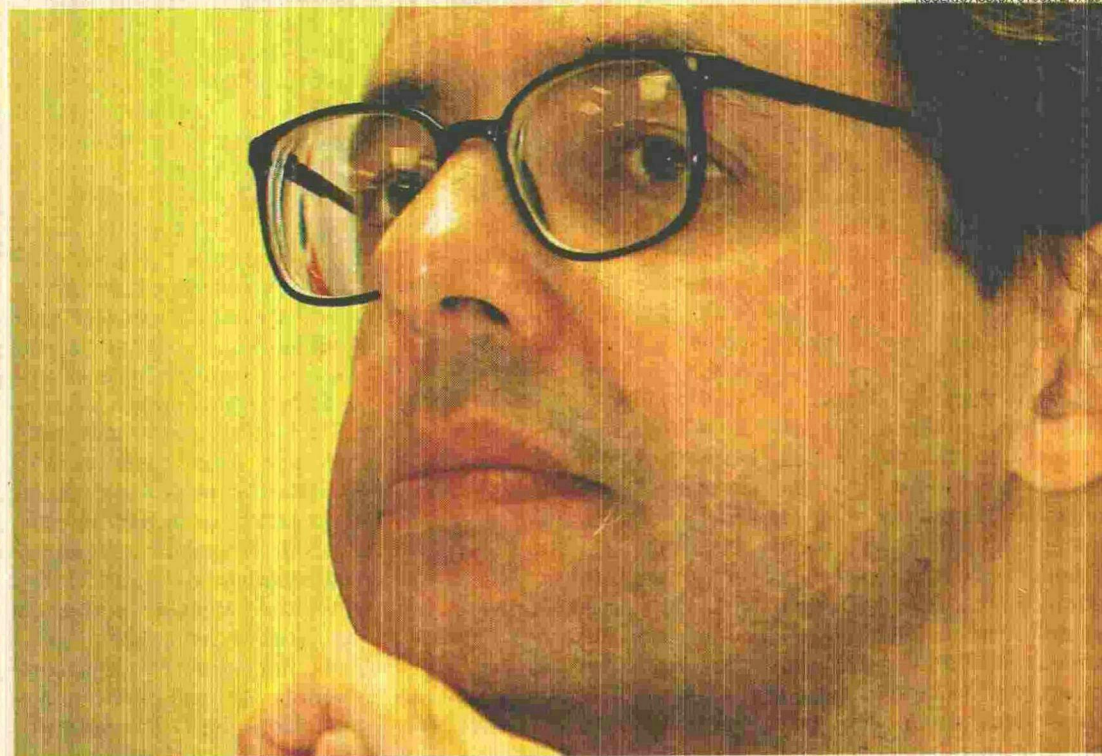
“A nova postura do presidente George W. Bush, de gerar grandes déficits fiscais assusta”, afirma Giannetti. O resultado imediato, nos EUA, como grande tomador de crédito, seria a elevação dos juros. “Isso, num momento em que a economia americana ainda não se recuperou, pode tornar a situação ainda mais crônica”, destaca. Essa ameaça, para ele, representaria para economia mundial algo pior do que qualquer seqüela da guerra. Apesar disso, Giannetti concorda que, embora esse quadro já estivesse definido antes do ataque ao Iraque, a guerra acabou agravando a situação.

O gasto armamentista nos EUA utiliza capital externo. “Embora esta seja ainda uma relação abstrata, o poupador asiático ou europeu sustenta essa máquina de guerra”, descreve Giannetti. E, segundo ele, não basta aos EUA terem saído do conflito como vencedores. “Os americanos ganharam a guerra no Golfo Pérsico e mergulharam, em seguida, numa recessão, que se prorrogou de 1991 a 1993”, nota. Qualquer tipo de recessão americana é ruim para todo o

planeta. Significa menor crescimento do consumo mundial e menor fluxo de capital para o Brasil, destaca o professor do Ibmecc.

Os analistas não vêem, no cenário pós-guerra, qualquer tipo de reação antiglobalizante ou eventuais riscos ao curso natural do capitalismo e das relações comerciais entre países. Para Giannetti, vai prevalecer o pragmatismo. Consultores dos EUA concordam. O economista Diego Portillo, analista sênior da Global Insight, sediada em Massachusetts, é um estudioso da produção e relações comerciais da cadeia automotiva na América do Sul. Para ele, os grandes setores globalizados não sofrerão nada parecido com o que ocorreu com alguns movimentos relacionados a consumo de pratos ou bebidas. Ele cita a atitude dos americanos de substituir as “french fries”, as tradicionais batatas fritas que levavam o nome de fritas francesas, por “freedom fries” (fritas da liberdade), pelo fato de a França não ter sido um aliado contra o Iraque.

Portillo avalia esse tipo de manifestação como “movimentos juvenis”. Ele lembra que a Global Insight recentemente fez uma pesquisa com consumidores de carros e mais de 50% não sabiam a procedência do seu veículo. “A maior parte dos consumidores de automóveis do mun-



Eduardo Giannetti: maior preocupação é com déficit fiscal dos EUA e eventual impacto negativo na economia mundial

do todo não sabe onde o carro que dirige foi fabricado”, diz. “Em setores industriais mais poderosos, como a indústria automobilística, o que corre com mais força é o dinheiro e, diante disso, as posturas são mais cínicas”, diz. Além disso, lembra, foi uma guerra rápida, até certo ponto pouco custosa para os americanos.

Portillo lembra que os mexicanos, pela tradição de parceria comercial com os EUA, podem estar em situação mais delicada por não terem se declarado aliados na guerra. “Fox (Vicente Fox, presidente do México)

pode perder certas concessões de caráter mais político, como apoio a movimentos de migração, mas quando chegar a vez dos negócios, a situação é completamente diferente”, prevê o economista.

Edgard Viana, da AtKearney, lembra que em certos setores os investimentos no processo de globalização “são brutais” e, por isso, a ordem não deverá ser modificada. Para Viana, no cenário pós-guerra, os EUA podem até querer aumentar o índice de nacionalização dos produtos que consomem. “Mas nesse caso a opção

pode ser entre importar menos e produzir mais nos EUA ou ampliar parcerias com países de tradição pacifista e aí o Brasil pode tirar vantagem”, destaca.

Para Giannetti, o melhor é que o Brasil “passou pela guerra sem solavancos”. “Estamos bem com a economia mundial”, destaca. Na avaliação do consultor Diego Portillo, a expectativa que antecedeu a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva preocupou muito mais, em relação ao Brasil, do que a manifestação do país diante da guerra.